

Enigma e alagado suporte

Marcelo Calderari Miguel¹

Metamorfose Lunar Do Ser

Eu não quero ser teu!
Tenho minha fases como a lua!
Fases de andar sozinho pela rua!
Fases sem vergonha da nudez pública.
Façanhas em torno da escala diatônica das notas!

As principais quatro fases da Lua tenho:
A celebração cheia, o pontencializar mudanças.
A crescente invisibilidade do Ser.
A minguante dificuldade de se desfazer de coisas.
A nova embriaguez no tricotear de recusas.

São fases e, algumas vezes com com trânsito astrológico!
Fases de encanto e de desencantar do mundo!
Fases de utopias, distopia e retrotopia em vivências (trans)formadoras!
E há em mim as fases apocalípticas das trombetas e metamorfoses duras.

As fase vida estão no alinhamento entre o Sol, a Terra e a Lua!
Fases e faces ques transverter o pesadelo em bem humorado algo.
A escolha é também tua, no luar me restabeleço!
Na calada da noite tramo planos, entrelaço torpes desejos.
Fases que arrebatam chakras: a colcha dupla face de retalhos existe?

1 Mestrando em Ciência da Informação pela Universidade Federal do Espírito Santo – Ufes. Especialista em Educação Científica Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Bacharel em Arquivologia e Biblioteconomia pela Ufes. Docente na Rede de Ensino Técnico no Espírito Santo. Endereço: Av. Princesa Isabel, 86 - Centro, Vitória, ES - Brasil, CEP. 29010-360 | Id. Lattes: 5290994830537934 | marcelo.miguel@edu.ufes.br | Orcid: <http://orcid.org/0000-0002-7876-9392>

Desodorante Percalço, Unívoco E Luzindo

Encerra a noite, ergue-se o dia.

Canta a faceira magia, ultrajante sina.

Na roda a água, a substancial energia, ressurreição pauta.

O mover da maré, revitaliza-te o bálsamo, robusteceste onda.

Tudo isso é afeto e alimento, cuidado que suplanta a nossa estadia.

Reconhece-se a emocional conexão, o despertar das sensações positivas.

Litúrgico desejo, bênçãos entre montanha e vales, raízes de semeadura resgata.

Entre desejo e largos planos, cruzam-se gracejos e se catalogam estrelas súbitas.

Fiel sinal de eclosão, vertente trem de desventuras, plural oração e lirismo de vida.

O alvorecer da saudade redireciona sinos e lemes, poeiras e lentes da alteridade abrupta.

Fundo a fundo, entre sonoridades e partículas; o básico pressuposto da vacância.

A galante teoria do caos, foca ausência, ergue no peito a genuína e espúria lembrança.

Bendito limite, trâmite de audácia, calibre ilustre e cósmico, ajunta alegria e justiça.



Divina Transgressão, Consciência Espúria.

Emaranhando desentendimento, a divina natureza os Caos provoca.
Entre palermas a inépcia. Articularam eles, os gênios da calamidade pública.
Réprobo e atônito! Eles quem? Eles vós? Ou eles das bolsas e dos mínimos?
Eles, os insensatos e apáticos, infante e carente de humanização.
Insaciáveis lançaram visível calamidade, a torrente tangente e caótica.
Refutam-se insanamente, nas públicas vias saíram, sem máscaras ou vicissitudes.
E houve sucessivas mudanças, ideia de caos se transforma no passar das eras, dística.
Na pandemia, um desarmado descompasso, encobrimdo falhas vastas e enclaves.
Torpeza! Catalisa reversas jogadas, acirra o pórtico e midiático encalço louco.
Calamidade pública Brasil, de norte a sul instalada, covil de malezas e moléstias.
Repugnante ensejo e a epidemia instalada, anômala as questões e sociais minúcias.
Migalha e drama, política feita no desamor, aludido pavor esboça a desigualdade.
Vulneráveis cerceiam dores, empresta significação a ribalta e monturo desleixo.
Somos humanos, o sistema é único, saúde não pode se brutalizar em fúnebre canto.
Insista, externizando e eternizada cidadania, a hermenêutica da sedativa tarja preta.
Divina consciência e transgressão, benesse doutrina, a fulcral pista no amplexo caos.

A boa aventura

Olhais para o alto em meio à luz.

Sobre o vento sombrio retumba uma cruz.

As brisas dos deuses refulgentes vós tocais de leve.

Como os dedos da artista em corda de neves.

Ao longo dos anos, ao longo dos anos conheci o amor, me sinto feliz onde estou.

Aqui o destino não é nebuloso e o dia é tão intenso como grandioso.

Salvo do destino os celestiais anjos, arcanjos e querubins.

E assim vivo sorrindo quando surge um festim.



Parabólica Urgência Da Periferia

Antenado estamos?

Como antenados, caramba?

Transmissão e Interferências; lá se foram as parabólicas...

Tomando no peito o golpe, cinismo ressalta.

Icônica escória, mórbida e trivial, refletor titubear.

Cá me vem à piedade, salutar ambição, canalha estória.

Presencial e a distante controvérsia, absorta patente movimenta.

Lúgubre e flâmula, espelha pêsames, abrupta evasão e infrequência.

Conversor camaleônico, o verbete não traz vida, cinismo exortar.

Austero na frivolidade, escroto e espúrio, o sinal aberto na banda.

Com todo vapor ao colapso a insolência, diante econômica sazonalidade.

Aponta um sórdido deboche, empáfia estável, ao errático telhado da casa.